



MACHADO, Adilbênia Freire. **Filosofia Africana: ancestralidade e encantamento como inspirações formativas para o ensino das africanidades.** Fortaleza: IMPRECE, 2019, (367 p.).

APRESENTAÇÃO

A Filosofia Africana no Brasil tem conhecido seu melhor momento: diversos Congressos, Encontros, Seminários tanto no país como Internacional congregam pesquisadores(as) das várias regiões brasileiras e intercambiam saberes entre brasileiros(as) e africanos(as) do continente e da diáspora, fazendo emergir Grupos de Pesquisa, Cursos de Extensão, formação de Associações Filosóficas, disciplinas optativas e obrigatórias nos cursos de graduação e pós-graduação dos IFES brasileiros e começa-se a avolumar publicações de artigos e livros sobre filosofia africana, que já nasce sob o auspício de uma diversidade que lhe caracteriza, de uma diferença que lhe distingue, de uma

pluralidade que faz jus à pluralidade cultural do Continente e seu diálogo com a Diáspora.

Adilbênia Freire Machado é fruto dessa efervescência que aquece a cena da filosofia africana brasileira, sendo, ela mesma, protagonista na cena. Nascida nos sertões do Ceará, menina-mulher à frente de seu tempo, negando-se a assumir papéis estereotipados do feminino, enfrentando estereótipos sexistas, aprendeu a dirigir (e adora dirigir caminhão), aos 12/13 anos (sic!), na realidade, aprendeu a dirigir sua independência antes mesmo do alvorecer de sua juventude. Na contramão das expectativas que sobre ela recaiam, preferiu a *budega* do pai às tarefas domésticas, escolheu cursar Filosofia – um curso majoritariamente masculino e sem expectativas de mercado de trabalho – a cursar uma graduação que lhe conferisse grau de bacharel em direito ou medicina. Envoltos na complexidade de seus pensamentos, já promissores na adolescência, a cearense optou pela profundidade. Mergulhou fundo no açude agitado de sua subjetividade, fazendo da sensibilidade uma companheira permanente, alternadamente árida e benfazeja – como o sertão; adentrou com perspicácia no labirinto social brasileiro (e latino-americano; e africano) para filosofar à sua própria maneira, com rigor e encantamento.

Corajosa, desterritorializou-se do seu Ceará e foi viver uma aventura filosófica na capital baiana, onde mestrou-se em Educação com o tema da Filosofia Africana percorrendo o difícil caminho de sintetizar o pensamento africano atual através de suas correntes de pensamento e propor metodologias consequentes na forma com o conteúdo do pensamento africano e diaspórico.

Aqui, uma vez mais inovou. Tratando categorias seminais da filosofia da ancestralidade como *encantamento* e a própria *ancestralidade* como diálogos formativos, valendo-se da metodologia dos Odus como estratégia pedagógica para o Ensino das Relações Étnico-raciais e História e Cultura Africana e Afro-brasileira, contribuindo para preencher uma lacuna de abordagens metodológicas para o cumprimento da Lei Federal 10.639/03 e 11.645/08 e, de quebra, dando um contributo original para o fortalecimento da produção filosófica africana em terras canarinhas.

No Brasil a filosofia africana encontra uma situação *sui generis*, pois para nosso território convergem a produção filosófica do continente como da diáspora hispano-americana, tornando-nos um interlocutor privilegiado e, a partir da multiplicidade que nos caracteriza, e da consequente diversidade de produção, Adilbênia congrega, por conta de sua competência, temas díspares numa unidade filosófica, relaciona-se com atores e atrizes diversos/as da cena filosófica negro-africana no Brasil e com filósofos do continente africano, relacionando filosofia com educação, currículo com metodologia, razão com sensibilidade.

Chamo atenção para o estilo poético e vigoroso que povoa parte do texto de Adil. Sem deixar o rigor acadêmico de lado, o que se lê nos seus escritos é uma poética do encantamento que lhe brota de vivências comunitárias e de suas aventuras filosóficas.

No livro que o(a) leitor(a) tem nas mãos observa-se, lindamente, uma borboleta que saiu do casulo e arrisca-se em seus primeiros voos de autoria. A estudante atenta e dedicada convertendo-se em autora sensível e competente. Mas não se enganem que esse é o traçado de um voo de uma piloto de primeira viagem; esse é

já um livro de teses seguras, consistentes, que espelham parte da riqueza da produção filosófica africana na cena brasileira e que anuncia o caminho promissor do pensamento da própria autora, que se inaugura na senda interdisciplinar, não limitando-se à filosofia de gabinete normalmente praticada nos departamentos de filosofia das universidades brasileiras, mas fazendo filosofia com o raiar da manhã e com as manhas de transversalizar o pensamento para onde ele necessita alçar voo.

Como livro de talento a escrita de Adilbênia não contém tudo que tem grafado no livro, pois a ousadia poética diz com a forma o que é impossível comunicar com o conteúdo. Dessa maneira, o código da mensagem é recoberto com uma pluralidade de sentidos que leva o(a) leitor(a) a traçar seu próprio plano de voo referenciado pelo mapa generosamente oferecido pela filósofa cearense.

Por fim, ressalto que essa obra de autoria é fruto de uma construção coletiva e colaborativa da cena da produção de conhecimento sobre filosofia africana no Brasil contemporâneo. Dessa forma, Adilbênia Freire Machado é tanto aranha como teia, ou seja, é produto dessa rede de filosofia africana no Brasil, como também produtora de suas teias. Ananse Krokofu, personagem que ela tanto ama, converte-se na própria imagem dela refletida no espelho que, pacientemente (ela não é tão paciente assim pois investida de uma voracidade santa para o avanço da justiça e da equidade entre nós) vai desenhando suas teias como um grande mosaico que captura sagacidade, alacridade, ancestralidade e encantamento.

O convite à leitura desse livro e à intimidade filosófica da autora é um chamado para comprometer-se com uma

educação de qualidade e de amplidão filosófica, que estabelece como marco da interpretação social e pedagógica, a riquíssima trajetória de africanos/as no continente e na diáspora que em tudo souberam produzir conhecimento e sabedoria com a marca indelével da ação comunitária referenciada nos ancestrais, fonte de seu encantamento permanente.

Eduardo Oliveira

Professor Permanente do DMMDC

Professor FACED-UFBA

Coordenador do Grupo de Pesquisa Rede-Africanidades

PREFÁCIO

DANÇANDO COM EXU

Wanderson Flor do Nascimento

Filósofo, professor da UnB

A publicação em livro da pesquisa de mestrado de Adilbênia, a quem carinhosamente chamo de Adil, é uma contribuição importante para os estudos brasileiros sobre a filosofia africana e suas repercussões educacionais. Seguindo a seara aberta pelo professor Eduardo Oliveira, nossa autora examina e aprofunda algumas questões que auxiliam a consolidar o campo nacional do estudo das filosofias africanas, tendo como marco fundamental, as potentes ideias da *Ancestralidade* e do *Encantamento*. E, além disso, criando um solo fértil para o cultivo de uma filosofia *africano-brasileira*, nos termos da autora, ressoando Eduardo Oliveira.

Metodologicamente, o livro nos conclama a perceber que, no cenário eurocêntrico de nossa academia, é preciso sustentar uma espécie de audácia teórica e uma abertura investigativa que tenha a coragem de transpor barreiras

disciplinares para pensar *desde e com* as filosofias africanas.

A alegria me contagia em poder interagir com o trabalho, mostrando que o encantamento nos atravessa e faz pensar. E gostaria que esse prefácio fosse uma expressão desse movimento de ter sido afetado por um trabalho encantado e encantador e que se abre à problematização como um bom texto filosófico.

O livro demonstra a potência de uma reflexão filosófica sobre a educação, que contribui de modo significativo para o desenvolvimento das discussões sobre a filosofia da ancestralidade e sobre a questão do encantamento, temas originais de uma filosofia *africano-brasileira*, e que são bastante interessantes para tratar algumas dimensões do artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que determina o estudo da história e cultura africanas e afro-brasileiras nos currículos do Ensino Fundamental e Médio brasileiros.

A reflexão que encontraremos aqui é toda atravessada por afetos, o que mostra uma coerência entre as ideias afirmadas no livro e sua própria tessitura. Se inicia com a narrativa de Ananse, atravessada pelo afeto do reconhecimento da falta e da completude e termina com o afeto do cuidado, que se expressa no lindo provérbio trazido por Mãe Stella. O texto é de uma coerência impressionante.

O livro contribui de uma maneira importante para a continuação da discussão iniciada por Eduardo Oliveira sobre a filosofia da ancestralidade e sobre o encantamento, pois apresenta explorações metodológicas, alcances, projeções que trazem para essa discussão novos elementos que nasceram das experiências dos cursos ministrados por

Oliveira na Faculdade de Educação da UFBA.

Como houve pouca produção após os livros de 2007, o trabalho se mostra como uma das mais interessantes atualizações que foram feitas, a partir da interlocução com o próprio Eduardo em suas atividades. E traz várias questões interessantes para que possamos pensar a partir da sistematização das experiências. Nada mais oportuno diante da crise que vivemos em torno da implementação do artigo 26-A. E talvez tenhamos um material crucial que provoque novas experiências no âmbito da discussão e efetivação da lei.

E o livro surge em um momento propício, quando se celebra os dez anos da modificação do artigo pela Lei Federal 11.645, quando a inserção dos conteúdos sobre história e cultura indígena se soma à dos conteúdos sobre história e cultura africana e afro-brasileira. Será um bom elemento para trabalharmos na avaliação destes quinze anos do artigo 26-A.

Adil nos apresenta um livro envolvente como uma festa de candomblé. Essas festas, quando realizadas nos candomblés de origem iorubana, normalmente têm algumas fases que se repetem: A homenagem a Exu, que muitas vezes as pessoas chamam de *Padê*, onde se convida o orixá da palavra, da comunicação para se fazer presente e permitir que os outros orixás escutem nosso chamado. Em um segundo momento, há o *xirê*, onde convidamos os outros orixás para se reencontrarem conosco. Os cânticos chamam os orixás contando suas histórias míticas que dão sentido ao próprio culto. Depois que os orixás se fazem presentes em um reencontro que demonstra que o corpo e a instância imaterial são sempre unidos, ligando orixá e iaô (ou egbomi) através do transe,

acontece o *Run*, momento no qual o orixá dança com sua comunidade, festeja com ela, rememora o tempo passado, a partir do presente, projetando futuros. E por fim, reverencia-se Oxalá, o orixá da criação dos seres humanos, o velho, sábio (e meio trapalhão, vez por outra) senhor que todos os candomblecistas (de língua iorubá, pelo menos) reverenciam. E, depois, voltamos a comer, juntos, coletivamente, regozijados pela presença rememorada de nossos ancestrais; entre nós, fazemos o *ajeun*.

A primeira parte do livro evoca o problema a ser tratado através da narrativa de Ananse, o Exu que atravessa todo o texto, como o Exu que acompanha toda a festa de candomblé (pois se Exu vai embora, a palavra se perde, os cânticos não serão mais ouvidos pelos ancestrais). Por isso ninguém nunca pode “despachar” Exu, mas sim agradá-lo, permitindo que ele seja o mediador, um bom mediador. Aliás, a ideia de mediação é a arte de Exu, que aparece lindamente afirmada no texto. Por isso, Exu, divide com Iemanjá a regência sobre o pensamento, pois ele é o senhor da palavra, que nos permite colocar nossos problemas, organizá-los, expressá-los. E é também a palavra que provoca mal-entendidos, que Exu traquinamente nos coloca para mostrar que precisamos sempre estar atentos com as palavras. E juntos. Esse me pareceu o ponto do primeiro capítulo, no qual a problemática do Artigo 26-A se coloca.

O *xirê* é a discussão sobre formação e currículo, onde toda a nossa ancestralidade é colocada em jogo. E aqui os orixás nos ensinam que sempre precisamos nos guiar desde o presente para o passado, o que nos permite vislumbrar um projeto de futuro. E aqui, a experiência dos cursos de HCAA trazem os elementos que desde o passado emergem em nossas intenções de

modificar o futuro, sempre com os pés no que somos agora. E como no xirê, sempre aprendemos um pouco mais sobre a ancestralidade, sempre ouvimos uma cantiga que nos encanta novamente, ou nos encanta quando não nos encantávamos antes. E eis que chegam os orixás, para festejar conosco.

No rum, vem a filosofia africana, que convidada a dançar conosco como os orixás, recontam nossa história, chama para que possamos nos reencontrar fazendo visível uma ligação que está sempre aí (a nossa com os orixás), mas que normalmente não percebemos fora do cotidiano, pois ali o orixá toma o corpo, nos abraça, dança conosco. A filosofia africana vem assim, nos abraçando e mostrando que sempre esteve ali, mesmo quando nós não a víamos, mesmo quando a esquecíamos.

A ideia da mediação retoma o encontro entre Exu e Oxalá. Sempre tenso, mas sempre necessário. E cantamos para o Velhinho. Celebramos a mediação, pensamos nos alcances e limites. Nos permitimos pensar em outros encontros, que ainda virão.

A parte final é o *ajeum*. Comemos a partir daquilo que foi necessário para preparar a festa. Conversamos com os convidados. Falamos de quem esteve ali, e de quem ainda deveria estar. Trazemos imagens da festa, conversamos mais uma vez, e marcamos outros encontros.

Todos esses processos são marcados pelo afeto, como o livro. E fortalecem a comunidade na forma de um convite de que outras festas aconteçam e que esta própria festa de prolongue até que venham outras. Celebrando comunitariamente o encontro.

Exu esteve presente do início ao final. Afinal, ele é a boca do mundo, a boca que emite a palavra, a boca que canta, a boca que transmite mensagens, a boca que

come, a boca que conta histórias para a comunidade. A boca. O texto dança com Exu e aprendendo e ensinando com ele, traz belos elementos para que possamos pensar, juntas.

Pensar juntas não significa pensar a mesma coisa, estar sempre de acordo. E aqui o livro traz algumas ideias que nos convidam a pensar coletivamente, desde nossas experiências e histórias. O trabalho me inquieta com questões com as quais não consigo pensar do mesmo modo, embora na maior parte eu concorde, mas que, como um bom livro de filosofia, nos provoca o pensamento de modo instigante.

Um exemplo disso está na afirmação da página 72, em que nossa filósofa afirma, ao abordar propostas para o Ensino de Cultura africana, que "Quando se refere ao ensino da Cultura Africana recomenda-se abordar o Egito como iniciador e contribuinte para a filosofia e para a ciência". Embora não possamos simplesmente ignorar o Egito, penso que dito dessa forma, essa é uma proposta problemática. Vários especialistas africanos sobre a história da filosofia africana têm insistido que o Egito é uma culminância de diversas culturas e modos de produzir conhecimentos que circulavam por muitas regiões do continente africano, o que dificulta entendê-lo como iniciador. Ele dá continuidade a um trajeto de pensamento filosófico e científico que já existia no continente africano.

Ler o Egito como um iniciador parece ainda esconder suas relações próximas com o que viria a se tornar mais adiante o Ocidente e, muitas vezes, visões eurocêntricas tendem a utilizá-lo como exemplo de que as trocas com o ocidente, que se deram antes do séc. VI AEC foram responsáveis pelo seu 'excepcional' desenvolvimento. Isso, muitas vezes tem feito aparecer o Egito

como uma "exceção" no continente africano, no tocante à possibilidade de produzir ciência e filosofia, quando, historicamente, se pode ver o Egito como um local que fez convergir os conhecimentos que já estavam em pleno desenvolvimento em vários lugares de todo o continente. Definitivamente, tenho medo de que o Egito se torne o "modelo" do que tenha sido o pensamento africano em toda a sua multiplicidade e diversidade, excluindo experiências anteriores e diferentes, sobretudo por não termos seus registros escritos, como o temos no caso egípcio.

Em minha leitura do livro, uma das mais importantes contribuições de Adil e da filosofia da ancestralidade e do encantamento é discussão do afeto (que se encaminha para o encantamento) para pensar a importância da sensibilidade para o cumprimento do artigo 26-A da LDB. Esta percepção é absolutamente fundamental.

Sem sentir, sem a sensibilidade, não adianta saber sobre a história e a cultura africana ou afro-brasileira. Teremos informações estéreis, como saber que há pedras no fundo do mar. Sem nos afetarmos sobre o que aprendemos, o saber de nada adianta, aliás, nem é saber, é mera informação. Isso ajuda a entender o fracasso de algumas experiências com HCAA, pois não se tem o objetivo de sentir desde esses saberes, saber desde estes sentires.

Esse é um ponto basilar: cumprir a lei por cumprir, não faz com que se alcance seu objetivo, que é combater o racismo. Este acaba sendo talvez o grande desafio colocado por todo o pensamento em torno do encantamento: sem encantar, não adianta ter informação. Pode-se utilizá-la de modo estereotipador, eurocêntrico, vulnerabilizador.

E é interessante que o afeto aqui não é entendido como um dado. É também um projeto político de afetar-se pelo que nos lega a história. Afetar-se em direção a um mundo mais acolhedor, mais intenso, mais solidário. É um afeto que recusa o ódio, a inferiorização, as dinâmicas destrutivas que também constroem outros afetos. Um afeto que acolhe e potencializa o que nos une e engrandece e recusa o que nos despotencializa e viola. A afetação da política e a politização dos afetos. Uma linda proposta desde a ancestralidade...

E nesta esteira da ancestralidade, me encantou muitíssimo as reflexões sobre o Odu de Origem. Nesse ponto da discussão aparece uma linda ideia: É interessantíssimo como a perspectiva do Odù de Origem inverte a leitura foucaultiana (e, de certo modo, toda a leitura pós-nietzscheana continental) acerca da pesquisa das origens – que, sobretudo, para a filosofia francesa contemporânea é uma espécie de encarnação de um essencialismo maldito, que prende o pensamento nas armadilhas da identidade e não deixa ver a multiplicidade.

Este odu, tal como descrito pelo livro, pelo contrário, mostra como a multiplicidade, a dinâmica, a pluralidade e a diferença habitam as origens... há uma linda e potente mensagem pedagógica, ontológica e ético-política em pensar que a origem se escolhe.

Enfim, este é um livro cheio de portas, de caminhos, de escolhas. E convido a vocês, assim como fui convidado, para deixar que os afetos que atravessaram a tessitura desse livro atravessem vocês também. E caminhemos na busca de uma ancestralidade e de um encantamento que nos fortaleçam, que desconstruam as armadilhas do racismo e potencializem um pensar comunitário/solidários, que

tanto tem feito falta nos atuais tempos
sombrios que nos rondam...

POSFÁCIO

“A escrita é uma coisa, e o saber, outra.
A escrita é a fotografia do saber, mas não
o saber em si.
O saber é uma luz que existe no homem.”

Iluminada é escrita de Adilbênia que nos
brinda com um livro, fruto de sua
caminhada heurística e formação
implicada. Compartilhando sabedorias, a
autora transforma valores sociais,
emprestados de uma sociedade racista,
em possibilidade de diálogo incluindo a
mente, o corpo, o conhecimento e o
encantamento que dá sentido a todas as
coisas. Afirmando a nossa origem
ancestral, Adilbênia aponta para a
construção de outra epistemologia na
Educação das Relações Étnico-Raciais,
atualizando saberes, com mitos afro-
brasileiros como inspiração polissêmica
e mediadora da história e cultura africana
e afro-brasileira, considerando a

ancestralidade africana que encanta e
sugere um jeito melhor de estar no
mundo.

Adilbênia nos mostra que a objetividade
e a subjetividade humana se instauram e
se afirmam no encanto dos cantos,
contos das poesias e lembranças
familiares que vão sugerindo novas
maneiras de ensinar, movendo
sentimentos que potencializam novos
saberes, evitando o pensamento linear e
analítico que não transita pelas metáforas
da transversalidade.

Trata-se de uma pesquisa com fortes
repercussões político-pedagógicas, que
não inclui apenas a população negra, mas
diz respeito a todos os brasileiros, que
devem educar-se como cidadãos numa
sociedade multicultural e pluriétnica,
capazes de construir uma nação
democrática.

Vanda Machado

Doutora em Educação Faced-Ufba
Criadora do Projeto Irê Ayó no Ilê Axé
Opo Afonja.